



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

PERCEPÇÃO DAS PUÉRPERAS SOBRE AS PRÁTICAS OBSTÉTRICAS UTILIZADAS NA ASSISTÊNCIA AO PARTO NORMAL

Autores: THAIRINE DANIELLE OLIVA AGUIAR, CLARA DE CÁSSIA VERSIANI, SIBYLLE EMILIE VOGT

Introdução

O parto constitui um momento único para mãe e filho sendo de suma importância na vida da mulher. Historicamente o parto foi um evento exclusivamente feminino e a assistência se dava a partir da ajuda mútua entre as mulheres baseada no saber acumulado dessas mulheres sobre a parturição. Contudo a partir do século XVII o parto passou por transformações sociais e se tornou um evento médico (CARNEIRO *et al.*, 2015).

A partir do século XX na década de 40, a hospitalização do parto foi intensificada o que permitiu a medicalização e o controle sobre os processos do período gravídico puerperal. O parto, antes um processo natural privativo e familiar, passou a ser vivenciado em instituições de saúde. A presença de profissionais da medicina, conduzindo a assistência, favoreceu a submissão da mulher que deixou de ser protagonista do seu processo parturitivo (GOMES *et al.*, 2014).

Hoje em dia muitas mulheres perderam a confiança em sua capacidade de gestar e parir; elas acreditam que precisam de um profissional munido com alta tecnologia e saber científico-técnico para realizar seu parto. Esta falta de autoconfiança é decorrente de uma cultura hospitalar que desvaloriza os conhecimentos e potenciais da mulher e que considera o parto natural e fisiológico como um processo não seguro e potencialmente danoso para mãe e filho. As mulheres, por terem sido socializadas com essa mentalidade, acabam valorizando as ações intervencionistas, centradas no profissional (PROGIANTI; COSTA, 2012).

O parto normal oferece menor risco de infecções, hemorragias, prematuridade e complicações gerais, além de favorecer a produção do leite materno através da liberação de hormônios como a prolactina e a ocitocina, produzidos já durante o trabalho de parto. Entre as vantagens do parto normal, Nery e Almeida (2015) ainda citam: recuperação mais rápida, facilitação para o estabelecimento dos laços sentimentais com o bebê, menor custo, menor tempo de internamento hospitalar, involução uterina mais rápida.

A luz deste conhecimento, o movimento pela humanização da assistência ao parto questionou, mais fortemente a partir dos anos 90 no Brasil, o modelo assistencial vigente, altamente intervencionista. Surgiram novas propostas de cuidado em relação ao parto e nascimento, estabelecendo algumas recomendações e desfazendo rotinas obstétricas dispensáveis, visando diminuir as taxas de cesarianas e valorizando assim a mulher como protagonista com uma assistência que busca um cuidado integral durante a gestação, parto e puerpério (JUNIOR *et al.*, 2017).

Neste sentido, justifica-se a realização da presente investigação para acrescentar informações pertinentes à área de Saúde da Mulher, que poderá subsidiar o planejamento real das ações voltadas a esta clientela e o estabelecimento de políticas de saúde locais mais adequadas, a fim de promover e contribuir para melhor qualidade do parto e nascimento no cenário deste estudo.

O objetivo deste trabalho foi compreender a percepção das puérperas sobre as práticas obstétricas utilizadas na assistência ao trabalho de parto e parto.

Material e método

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. A presente pesquisa foi realizada na maternidade Maria Barbosa do Hospital Universitário Clemente de Faria, um hospital público e universitário, que integra a Universidade Estadual de Montes Claros. A pesquisa foi realizada com mulheres no período puerperal, internadas na maternidade do Hospital Universitário Clemente de Faria, que receberam assistência em seu trabalho de parto e parto na referida maternidade, com início de trabalho de parto espontâneo, tiveram parto normal e não instrumentalizado e que aceitaram participar do estudo. Na coleta de dados ficou assegurada a participação tanto de primíparas quanto de múltiparas para captação de eventuais diferenças na percepção das puérperas. A pesquisa teve como critério de exclusão puérperas menores de 18 anos.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada, que conteve as seguintes questões: “Conte-me como foi a sua assistência no seu trabalho de parto e parto.” “Quais práticas foram utilizadas?” “Você considera que estas práticas te ajudaram no trabalho de parto? Quais foram os benefícios e quais os pontos negativos destas práticas?”. Este procedimento assegura a compreensão do assunto em questão pelas puérperas e facilita um detalhamento maior nas falas.

A coleta dos dados no presente trabalho foi de dados parciais e se encerrará quando houver a saturação dos dados considerando tanto para o grupo das primíparas quanto das múltiparas. A análise dos dados será realizada por meio da Análise de Conteúdo de acordo com Bardin (2009), que visa a interpretação dos dados coletados, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e preservando a riqueza obtida no momento da coleta.

Resultados e discussão

Nos dados parciais foram entrevistadas cinco puérperas sendo duas primíparas e três múltiparas. Uma das primíparas afirmou ter chegado ao hospital com 5cm de dilatação e outra não soube informar. Dentre as múltiparas, uma havia passado pelo seu segundo parto, sendo que o primeiro havia sido cesáreo, seu trabalho de parto durou aproximadamente dez horas. Outra entrevistada encontrava-se no quarto parto nos quais foram normais e a assistência foi prestada no mesmo hospital, outra participante estava no seu sexto parto e todos haviam sido normais.

Pelas falas das participantes, percebeu-se que o estado emocional das mulheres influencia na hora do parto.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

“O que eu tenho para falar das dores, eu achava que era da morte, não é da morte, eu acho que a dor é o emocional da gente, da mulher como mãe. O que aumenta para mim não foi a dor, o que aumentou foi a frequência da dor, só doeu mesmo, a dor insuportável mesmo que eu senti foi quando meu colo dilatou 9,5 centímetros. Até o oitavo centímetro *tava* a mesma contração de ontem, só que com a frequência maior.”

Em relação aos métodos farmacológicos, as entrevistadas disseram que ajudaram na evolução do trabalho de parto. Algumas ainda relataram que pediram analgesia no momento de muita dor, mesmo utilizando métodos não farmacológicos, porém, outras mulheres não utilizaram.

“Sim, ela me deu na coluna, ela me deu, eu pedi, achei que me ajudou, porque eu sou obediente no caso né, tudo que eles me pedia eu fazia, faz força, eu fazia, então me ajudou demais, porque a dor para mim apertou foi nesse momento dos 9,5cm para o 10cm, no 10cm eu não suportava mais nada, então a mulher fica mais escandalosa e histérica né, foi nesse meu momento, ai eles me deram a analgesia.”

“Não, foi sem anestesia, que eu senti as dores.”

Sobre a bola, todas as mulheres falaram que ela ajudou, nas contrações, nas dores e também na dilatação.

“Então foi a primeira vez pela bola né, eu gostei, achei que ajuda bastante, assim, a dilatação anda mais, acelera mais rápido, eu gostei.”

“... no começo eu achei que era bobagem, que não ia dar nada certo, depois que foi melhorando, ai que foi dilatando mais rápido, ai foi bom.”

Em relação ao chuveiro, as que utilizaram elogiaram e apoiaram o uso.

“O chuveiro alivia muito bem a dor também né, fora que também você pode ficar encostado na parede, agachado, com a água caindo, ai fica melhor, alivia muito bem a dor.”

Sobre a massagem, a maioria das mulheres gostaram de receber, apenas uma disse que não aprovou a prática por achar que ela piorou a dor.

“Totalmente, 100 por cento porque alivia a dor, a impressão minha diminuiu da dor e eu acredito que deve ajudar na dilatação também, não sei.”

“Da massagem eu não gostei muito não, para mim *tava* me dando mais dor ainda, é tanto que ate agora eu tô sentindo dor e acho que é por conta da massagem, mas tinha outra menina que *tava* comigo que falou que era muito boa para ela.”

No que se refere à movimentação, as entrevistadas referiram que foram orientadas a movimentar o máximo que podiam, mas algumas afirmaram que por causa da dor não conseguiram andar tanto no seu trabalho de parto.

“Eles falaram que eu podia andar, só que eu andei pouco porque também eu *tava* com muita dor, ai usei mais foi a bola e o chuveiro e agachamento essas coisas.”

Sobre a posição em que ganharam os seus filhos, na maioria das vezes as mulheres disseram que foi a equipe que escolheu, as que utilizaram a banqueta aprovaram e afirmaram que ela ajudou muito na hora do parto.

“Foi sentada, foi no método novo né?! No chão, na banqueta. É eu nunca tinha ganhado, quarta gestação né, mas eu gostei, assim para mim foi bom... foi a médica na verdade que ela me perguntou se eu já tinha ganhado de outra maneira, eu falei que não ai ela falou que ia ser daquele jeito lá e eu falei que concordava né, ai foi bom. A banqueta é melhor porque acho que acelera mais assim né, a criança não volta para cima de novo, acho que anda mais rápido.”

“Ganhou deitada, eles que mandaram, subiu a maca na altura do meu pescoço e eu fiz do jeito que eles pediram.”

Quanto a alimentação e hidratação a maioria das mulheres falaram que não comeram durante seu trabalho de parto e parto, que não conseguiram por causa da dor, apenas uma afirmou que não comeu por já ter uma cesárea prévia e que a equipe recomendou a não alimentação pelo risco de o parto não evoluir e ser necessário outra cesárea.

“Não, não bebi água, não comi, porque como eu tenho uma cesárea, então poderia correr o risco de não evoluir e eles terem que fazer a cesárea. Eu fui orientada, os médicos *me orientou*.”

“...eles me ofereceram uma gelatina, só que já foi quase na hora de eu ganhar então eu *tava* sentindo muita dor acabou que eu não comi, deu água também eu não bebi também não. Porque eu não quis, devido a dor, então eu não quis, optei por não beber.”

A participante que já tinha parto cesáreo, elogiou o parto normal.

“... para mim foi total benefício, eu que tenho uma cesárea posso falar, o parto normal foi melhor, mesmo com todas as dores, porque dói, é dolorido, mas igual *tô* aqui, *tô* ótima, não tenho nada para reclamar não.”

Sobre a avaliação das práticas para as mulheres, todas referiram que as práticas ajudaram muito, a maioria afirmou que usaria novamente.

“Ajudaram, achei que assim, nas minhas outras gestações eu também ganhei aqui no HU né, mas foram todos os partos normais assim, na cama, não teve essa bola, então demorou um pouco mais, eu acredito que devido ser pela banqueta, pela bola e chuveiro eu acho que acelerou um pouco mais, foi mais rápido esse parto meu.”

“...já fui chegando e fui fazendo as coisas lá, fui orientada para fazer, para andar mais rápido, e também quando entrei na sala de parto, ai foi bem rápido também e foi bom. Também gostei muito da cadeirinha, a que eu ganhei ela.”

Considerações Finais



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Os resultados parciais deste trabalho evidenciaram que, a maioria das mulheres entrevistadas aprovam as práticas utilizadas na assistência ao trabalho de parto e parto. O que foi mais referido por elas é que essas práticas ajudam ao dilatar mais rapidamente o colo, nas contrações, além de aliviar a dor.

Isso deixa mais evidente os benefícios dos métodos não farmacológicos para o trabalho de parto e parto normal, que deve voltar a ser visto como um evento natural do corpo da mulher e não apenas um procedimento médico. É importante que as gestantes sejam orientadas desde o pré-natal quanto essas práticas, para que estejam mais informadas durante seu trabalho de parto e parto o que dará maior confiança e influenciará também no seu emocional, neste momento que é tão importante na vida delas.

Referências

- ALMEIDA, S.M.; NERY, J. M. *A importância do enfermeiro no processo de aceitação ao parto normal: uma revisão bibliográfica*. 2015. 62 f. Monografia (Bacharel em Enfermagem)- Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 2015.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>> Acesso em: 10/09/2018.
- CARNEIRO, Luana Maria de Almeida et al. Parto natural X parto cirúrgico: percepções de mulheres que vivenciaram os dois momentos. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 2015.
- GOMES, Ana Rita Martins et al. Assistência de enfermagem obstétrica na humanização do parto normal. *Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem*, v. 4, n. 11, p. 23-27, 2014.
- JUNIOR, Antonio Rodrigues Ferreira et al. DISCURSO DE MULHERES NA EXPERIÊNCIA DO PARTO CESÁREO E NORMAL. *Saúde. com*, v. 13, n. 2, 2017.
- PROGIANTI, Jane Márcia; DA COSTA, Rafael Ferreira. Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiras: repercussões sobre vivências de mulheres na gestação e no parto. *crítica*, v. 6, p. 7, 2012.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE: 82661818.4.0000.514. Número do parecer 2.483.644 /2018.